

## FARIAS DE CARVALHO: O OLHAR DO POETA DIANTE DA FATALIDADE DO MUNDO MODERNO

Carolina Alves Ferreira de Abreu (UFAM)

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

**RESUMO:** Neste artigo, objetivamos fazer um estudo direcionado às únicas obras *Pássaro de Cinza* e *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar*, do poeta Farias de Carvalho, de 1957 e 1965, respectivamente. Esta proposta tem como finalidade dialogar as duas obras, nas quais se aborda o ponto de vista das imagens positivas da infância em contraponto com as imagens angustiantes do presente, na primeira; na segunda, o aspecto engajado e político, direcionada à literatura social, sem abandonar os fundamentos subjetivos. Outro ponto fundamental é a realidade da constituição moderna e da crise com que esta motiva o olhar da criação do poeta. Empregamos como representação teórica as ideias de Theodor Adorno em *Palestra sobre Lírica e Sociedade* e alguns estudos literários a respeito do poeta. O trabalho apresenta, ainda, o resultado parcial no Projeto *Fio de Linho da Palavra*, vinculado ao GEPELIP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa, credenciado no Diretório de Pesquisa do CNPq, na Universidade Federal do Amazonas.

**Palavras-Chave:** Farias de Carvalho, *Pássaro de Cinza*, *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar*, Poesia Brasileira.

**ABSTRACT:** Farias de Carvalho: A dialogue between the inevitability of life and political engagement. This article, intends to do a study about the unique works *Pássaro de Cinza* and *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar*, by the poet Farias de Carvalho, published in 1957 and 1965, respectively. This proposal has the intention to dialog the two works, which approach the point of view of the positive visions from the childhood related with the distressing visions by the present, on the first; On the second search, the engaged and political aspect, directioned to social literature, without reject the subjective creations. Another fundamental point is the reality of the modern constitution and the crisis that motivates the look of the poet's creation. We use how theoretical representation the ideas of Theodor Adorno in *Palestra sobre Lírica e Sociedade* and some literary studies about poet. The article presents, also, partial result in the Project *Fio de Linho da Palavra*, connected to GEPELIP - Group of Studies and Research in Portuguese Language Literature Department of English Language and Literature, accredited in Directory of Research CNPq, at the Federal College of Amazonas.

**Keywords:** Farias de Carvalho, *Pássaro de Cinza*, *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar*, Brazilian Poetry.

### INTRODUÇÃO

A integridade, a qual a obra literária insere-se, não nos permite tomar concepções separadas a respeito de sua difusão. Analisá-la sob a ótica dos aspectos da realidade,

mostrando-a de forma abrangente; ou através de seu contraponto, buscando a obra intrínseca às estruturas formais postas na linguagem, das quais se tomam de forma independente sem posicionamentos sociais, requer outra visão. Esta se dá pela forma indissociável destas concepções apresentadas, a começar por vincular o próprio texto ao contexto numa associação que vinculam o meio externo na construção do meio interno. O primeiro nas condições associadas aos elementos do conteúdo social, ideológico; o segundo no aspecto da comunicação e de suas minúcias.

Antônio Cândido, em *Literatura e Sociedade*, esquematiza tais proposições como uma análise que requer uma interpretação dialética: “(...) percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas” (CANDIDO, 2006, p.33). Como a obra influencia o meio, ou como o meio influencia a obra, a qual se tem a expressividade de fatores socioculturais, que se disseminam para o meio numa constante tentativa de compreensão ou mesmo apreensão de mundo. Como bem explicita Mário Faustino de forma clara a respeito de tal associação:

(...) No primeiro caso, a poesia serve à sociedade testemunhando-a, interpretando-a, registrando as diversas fases espaciais e temporais de sua expansão e evolução. Nisso a poesia é como toda a arte: um documento vivo, expressivo, do estado de espírito de certo povo, em dada região, numa época determinada. A poesia, aliás, é incomparável quando registra – com a capacidade condensadora e mnemônica de que só ela é capaz – certas nuances de ponto de vista, de atitude, de sentimento e de pensamento, individuais ou coletivos, nuances essas que, muitas vezes, são bem mais expressivas de um povo e de uma época, do que os grandes acontecimentos (FAUSTINO, 1977, p.33).

É neste ponto que fundamentamos a poesia como uma arte que visa o reforço da vida como um elemento revolucionário no sentido de mostrar o real sentido da existência, seja protestando suas mazelas, seja angustiando-se diante da efemeridade a qual o ser ou o artista insere-se. Como um dispositivo de busca deste elo perdido com a vida é que a obra poética à base social, neste estudo, compromete-se estabelecer. Há a necessidade de o ser, vivente do seu espaço e influenciado por este, retomá-lo como um lugar tópico. O poeta, neste sentido, é o provedor do sentido literário através da linguagem e das palavras que complementam a percepção da poesia. Apreendendo a realidade e doando-se a ela, este se move a complementá-la às feições poéticas como um responsável pela atividade poética, que tem preocupação com o universo social, partindo, pois, de sua conotação sensitiva e particular:

Essa percepção não poderá ser realizada com o êxito se o poeta se limitar à simples observação do que o cerca. A experimentação, objetiva e subjetiva, através de um processo de “simpatia” que não exclui o julgamento, é indispensável. (...) O poeta ama a natureza e ama o homem e é através desse amor que ele os percebe para neles poder encontrar sua própria verdade. (...) O poeta critica o universo e a sociedade e, por isso mesmo, que os ama, procura agir sobre eles, experimentando-os para melhorá-los. (FAUSTINO, 1977, p.45)

Ao lugar da poesia, como um elemento intrínseco na obra, é um processo de criação, na qual o artista busca uma identidade que requer a relação entre a tríade obra – artista – meio social, no objetivo de trazer através do eu subjetivo artístico a necessidade de universalização: “a poesia deve procurar reunir os homens e identificá-los” (FAUSTINO, 1977, p.278). O que permite este embate à massificação da vida, ao mundo globalizado e capitalista que sucumbe o espírito do novo homem contemporâneo a dissolver-se nesta realidade abrupta. Mas como um procedimento de invenção sob a égide da mimese aristotélica, este alicerce poético, como uma “arma” de luta contra a realidade que corrompe, busca ser o itinerário de expurgação da vida. Ou como bem explicita o crítico português Jorge Fernandes da Silveira:

o poema existe no espaço tenso entre a força da palavra e as contingências histórico-sociais que ameaçam o livre curso da fala. Nos poemas a realidade é um dado que se transforma no espaço da escrita. Transformação que não esquece, contudo, o motivo que faz da liberdade uma necessidade do poema (1986, p.249).

É o que se pode observar em “Poema”, no qual o conteúdo acerca da idealização da realidade implica uma finalidade ou um conceito para o poema, intensificando o título “Poema” como um embate diante do mundo evidenciado pelo poeta:

Eu vou plantar meu coração na noite  
e esperar que a mágica dos poetas  
ressuscite as auroras esquecidas...

Eu vou plantar meu coração na noite  
para que então  
todos os caminhantes,  
todos os naufragos perdidos,  
todas as naus de velas rotas,  
saibam de longe  
que a Rosa  
é a bússola de amor que está faltando  
na caravela atônita do mundo.  
(DE CARVALHO, 2005, p. 83)

Neste poema, Farias de Carvalho explicita bem a poesia como um enalce de purificação no mundo saturado de cláusulas, e desta forma este instrumento funciona como uma “Rosa” que “é a bússola de amor que está faltando / na caravela atônita do mundo”. A poesia, neste poema, é o sentimento perdido pela rigidez mundana, na qual o poeta sente-se incomodado, e apreende este incômodo para transformá-lo nesta linguagem poética que visa mostrar o desprendimento da delicadeza do espírito humano imanente carregado, neste caso, pela poesia e suas minúcias. O poeta, por sua vez, é um provedor deste instrumento, quando funde “seu coração na noite” e espera que “as auroras esquecidas” sejam devidamente ressuscitadas.

Partindo destas associações, inserimos o pensamento adorniano sob a ótica da obra lírica como um fruto de iniciativa individual, surgindo da confluência e ligação desta com as condições sociais, posto que a identificação mais tradicional do lirismo se dá de modo subjetivo. Adorno busca um rompimento com esta vertente, cuja delicadeza se põe em falta, quando sua essência é especificamente o não reconhecimento do social. “Uma corrente subterrânea coletiva é o fundamento de toda lírica individual. (...) a substancialidade da lírica individual deriva essencialmente de sua participação nessa corrente subterrânea coletiva” (ADORNO, 2003, p.77), visto que esta faz da linguagem um meio de emancipação do ser. Fundamenta, pois, sua ideia na submersão das sensações subjetivas como uma elevação do universal.

Procedendo à análise dos versos de Farias de Carvalho, poeta amazonense da década de 50 e de 60, complementemo-nos dentro de um arcabouço poético tanto nas motivações existenciais, tanto na luta contra a repressão de um modelo de sociedade totalitária e repressiva. Sua produção poética resume-se em duas obras: *Pássaro de Cinza* (1957) e *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar* (1965). Na primeira, existe um teor de influência do Clube da Madrugada, de cunho neo-simbolista que dialoga com a questão da memória, dos fragmentos da infância capazes de neutralizar o contato com o mundo numa época extremamente caótica. Conceituado por Tenório Telles, o lirismo do poeta tem se destinado como uma das inspirações poéticas mais humanas da moderna literatura amazonense. Na segunda, o eu lírico fundamenta-se à realidade, à luta pela liberdade num engajamento político e poético nos arredores de uma época de acontecimentos e mudanças trazidas ao espírito humano de forma desordenada e inquietante. Os famosos anos de chumbo da ditadura, a era moderna sucumbindo o espírito humano e tornando-o meramente um produto sem vitalidade.

É assim que o poeta amazonense torna seu enredo um embate à materialização da humanidade, em *Pássaro de Cinza*, enquanto em *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar* seu teor de condicionamento social se faz de forma não menos lírica. Dentro deste aspecto, Adorno fala a respeito da compreensão do poema que se faz ou se percebe na solidão do mesmo, na voz que emana a humanidade. O individual, na palavra lírica, pertence ao que está prefigurado pela sociedade. Farias de Carvalho não abandona tal força lírica; complementa-a e foge do âmbito social, ao mesmo tempo em que se distancia dele já é sê-lo. O sujeito lírico representa o todo, mas através da subjetividade, dono de sua própria linguagem.

É neste tempo abatido e propício à ruína que o *Pássaro de Cinza* se ambienta e sobrevoa, num estado consternado de liberdade tomada, na eclosão da modernidade que: “O enriquecimento desperta em cada homem sua individualidade adormecida. Modernidade implica individualidade” (KUJAWSKI, 1991, p.20). O choque tecnológico da globalização desenvolvendo-se subitamente, como resquícios da *belle époque* àquela época, cuja ampliação econômica e social viram-se em forma harmônica neste ambiente imensamente do ser para o ser em constante egocentrismo, na formulação de novas descobertas e explorações. À vida moderna, em analogia a esta última, é uma crise do espírito humano para com o ambiente. Partindo desta nuança, o poeta tem a convicção de que é inútil resistir ao tempo e as suas incansáveis e propícias mudanças, como no poema “Prólogo”:

Desses mortos ocasos esquecidos  
chega-me agora o pássaro de cinza;  
de ontem são suas asas, de silêncio  
o seu bico pousado sobre a ponte

entre o vencido vale e o bosque a entrar,  
bica-me o peito onde marés antigas  
jogam restos de mastros e fantasmas  
desses velhos piratas que ficaram

tatuados na penumbra de olhos idos.  
E sem saber talvez do inútil intento  
ninha o vazio do momento, à espera

da comida do sonho que ontem davam  
essas mãos que se foram, consumidas  
nesses mortos ocasos esquecidos...  
(DE CARVALHO, 2005, p.31)

Dentro desta concepção existencial, a obra *Pássaro de Cinza* vai se modelando, condicionando o lirismo a detalhes do ser e do tempo, ou ainda do próprio poeta e do

sentimento desta figura perante a inevitabilidade da vida. O apelo de lembranças da infância se dá como uma fuga do novo mundo, no qual a aceleração do progresso transforma a civilização que propicia seu rumo a uma instabilidade tanto no plano coletivo, tanto no plano da existência individual. Este progresso desenfreado acaba por se autoconsumir, quando deveria solucionar os males humanos, ou quem sabe melhorá-los: “aquilo que deveria ser a solução de nossos males - o progresso – degenera no pior problema e no pior dos males.” (KUJAWSKI, 1991, p.24). O poeta usa do poema e da própria relação poesia-mundo do estado lírico uma antipatia à materialização da vida sob a dominação pelo sistema:

A idiossincrasia do espírito lírico contra a prepotência das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação das mercadorias sobre os homens, que se propagou desde o início da Era Moderna e que, desde a Revolução Industrial, desdobrou-se em força dominante da vida (ADORNO, 2003, p.69).

Esta ambiguidade é uma das características inerentes à realidade moderna, na qual as grandes invenções fizeram-se sob a ótica ideológica de manterem uns e anularem outros:

(...) pois ideologia é inverdade, falsa consciência, mentira. (...) Este - conceito de ideologia – não afirma que todo o espírito serve apenas para que alguns homens eventualmente escamoteiem eventuais interesses particulares, fazendo-os passar por universais, mas sim quer desmascarar o espírito determinado a ser falso e, ao mesmo tempo, apreendê-lo conceitualmente em sua necessidade (ADORNO, 2003, p.68).

Por outro lado, Adorno atenta à precisão da obra de arte realizar o objetivo de mostrar aquilo que a ideologia não mostra, uma vez que a grandeza referida à arte tem naturalmente esta conotação, queria-se ou não.

No poema “Baú Velho”, há o aspecto da realidade infantil como um refúgio em um passado belo e nostálgico:

No baú velho do inconsciente  
mexendo papéis antigos  
achei um mapa de sonhos.

Pedi emprestado ao tempo  
as minhas mãos de menino,  
sentei num chão de memórias  
cruzei as pernas cansadas  
abri a caixa de armar  
falei de novo com o tempo  
pedi as pedras esparsas

juntei o quebra-cabeça  
bati o pé e a saudade  
e comecei a jogar.  
(DE CARVALHO, 2005, p.35)

Tendo um aspecto de íntima relação com a dimensão humana, o poeta assinala sua poesia existencial nesta obra como uma experiência profunda do ser realmente humano, dialogando com a memória em uma espécie de descoberta ou redescoberta dos fascínios da infância. Como bem salienta Tenório Telles: “Na sua poesia convém assinalar períodos de fuga, de transfiguração, que se traduzem em termos de compromissada mensagem, e um espírito eminentemente humanista” (DE CARVALHO, 2005, p.19). Este retorno à vitalidade da criança é um retorno a um ambiente utópico na realidade presente: “Pedi emprestado ao tempo / as minhas mãos de menino, / sentei num chão de memórias”, e por sê-lo é justamente o lugar ideal, pela forma como a imaginação toma forma e como a inocência de ver as coisas do mundo são mais interessantes e também mais libertárias como se a poesia fosse esta redescoberta.

No poema “Soneto Terceiro da Infância”, também se evidencia esta temática, mas com um olhar diferenciado desta vez:

(...) Ah, Cascavel de farda remendada  
que empatava os domingos de sol quente,  
que não deixava a turma irreverente  
jogar bola de meia na calçada.

Se voltasses, verias espantado  
como anda por aqui tudo mudado  
e como agora o jogo é diferente! (...)  
(DE CARVALHO, 2005, p.42)

Cascavel, como um guarda de “farda remendada”, que detinha a liberdade dos meninos de se exporem aos prazeres infantis de jogar bola, nos remete à figura de um tempo de amarras. Este tempo agrava-se; as crianças, como uma forma do humano em sua mais natural aspiração libertária, aparece como uma ideia de ser que se dirige liricamente a este guarda com uma nova realidade: um tempo que jogar bola não é mais um problema, mas sim retomar a liberdade perdida.

Em *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar*, comunica seu teor lírico junto a um engajamento político vivenciado nos anos 60, sob a vertente dos famosos anos de chumbo, o que desemboca no surgimento da literatura engajada, poesia ornamentada de artifícios dentro da linguagem para criar uma conotação política e social de apelo às

desconstruções dessa nova era. Além de um diálogo com o processo histórico vigente de um povo em constante sofrimento e sem liberdade e voz de expressão. Mas este engajamento do qual falamos não é apenas um inserir-se no sistema político no sentido lato, embora o poeta tenha desenvolvido atividades como deputado. Esta associação desenvolve-se em um campo mais amplo: na relação sob tudo o que nos cerca e nos torna humanos, daí o comprometimento do artista ao estar no mundo e através disto comunicar ao outro o ato reflexivo do poema engajado: “(...) o engajamento se dissolve: ele está em toda parte e em nenhum lugar, e torna-se próprio da literatura” (SARTRE apud DE SOUZA, 2008, p.45). Deixa-se, assim, o engajamento estar associado à obra por ele mesmo como se esta última fosse um mecanismo de ação política através do criador, direcionando a um aspecto social e humanitário que lhe dê um sentido pleno.

O que havia diante da sociedade brasileira na época da ditadura e bem antes era uma instabilidade política muito forte, somada a seis golpes de Estado. O crescimento desregrado do capitalismo, desde os anos 40, com a introdução pesada das indústrias financiadas pelo capital estrangeiro, em contraponto às ideologias de esquerda sobrepôs um verdadeiro caos na luta a serviço do sistema hegemônica, tomando parte às Forças Armadas, a fim de frear qualquer ideal comunista ou algo semelhante. Este desenvolvimento, por sua vez, tem um modo excludente do papel popular democrático, gerando um processo social ditador. Este momento é marcado pelo território imperialista moderno mais grave, justamente pelos blocos socialistas aparecerem como uma oposição também mais forte, e com a eclosão da Guerra Fria este espírito de poder acentua-se.

Nesta obra, comparando a temática de *Pássaro de Cinza*, observamos um estado de empenho, ou de “reviravolta” dos sentimentos consternados na primeira. Diferente do sentimento de inadequação, de angústia diante de uma nova era, cujo ambiente atópico não reestabelece com o eu poético uma luta ou uma causa maior no embate desta sensação de “perca do humano”.

Em “Adenda n.º 1 aos Estatutos do Homem” evidencia-se este lugar permeado de consternações e nítidas premências de liberdade retirada. Um poema destinado ao poeta Thiago de Mello e feito em analogia ao seu “Estatutos do Homem”, tendo como propósito desmaterializar o ato institucional de 1964, como uma ironia a este, remetendo-nos à compreensão do ser humano que vive para ser a liberdade, e que é preciso restaurá-la, pois é um mecanismo intrínseco do ser humano. Farias de Carvalho ressurgiu com esta vertente, como uma força de ajuda através da poesia para fins de embate. Para Adorno, as formações

líricas mais elevadas são aquelas que o eu atinge na linguagem até que esta se torne compreensível ao meio externo. O poeta funde as relações intimistas às sociais, buscando na própria relação da linguagem poética o valor de conseguir envolver essas duas proporções de forma cabível e harmônica:

Aqui,  
nesta praça de mundo,  
onde só acontecia a liberdade  
num gesto aflito de alucinações  
para cantar, à guarda dos fuzis,  
louvor ao sabre e loas aos canhões; (...)  
(DE CARVALHO, 1967, p.87)

Embora haja este direcionamento do tempo, espaço e ser na roda do mundo como objetos ou indivíduos à margem da liberdade que pertence a tais “onde só acontecia a liberdade / num gesto aflito de alucinações”, o poeta complementa o poema elevando o espírito opressor à necessidade de luta pela esperança de um mundo fiel à capacidade humana de ser, junto com os demais:

Aqui,  
nesta praça de mundo,  
onde ser, era morrer,  
pelo crime nefando de querer  
almar de amor o Ser;  
fica criado o REINO DA AMPLIDÃO  
onde todos (mas todos)  
reinarão coroados de azul e madrugada;  
onde as crianças nunca mais serão  
esperanças de amanhã  
mas, mandamentos de hoje, (...)  
(DE CARVALHO, 1967, p.88)

É o sentimento do poeta diante da fugacidade da vida, das intempéries prementes de um novo caos, ou do medo das consequências formidáveis das grandes Guerras ou da premência de futuras. Este sentimento proposto pela modernidade subjaz uma fuga precisa de um tempo que sucumbe, mas não eterniza a vida. Mas domina, prende e projeta o espírito humano “onde ser, era morrer, / pelo crime nefando de querer”, sob a ditadura real de um Estado que sucumbe e retira as expectativas do futuro mais real e fraterno, mas que é preciso convertê-lo vivendo o presente e transformá-lo “onde as crianças nunca mais serão / esperanças de amanhã /mas, mandamentos de hoje (...)”.

Farias de Carvalho mostra, em “Ciclo da Poesia”, seu compromisso com a liberdade, em um olhar nítido e sensível de um poeta vivendo sob o voo poético do Pássaro de Cinza:

O poeta caminheiro olha as coisas da vida  
e canta a poesia pura que há nas coisas  
- pedra, poste, varanda, esterco fumegante,  
éguas em fim de tarde, baús cheios de infância,  
vigília – passo de tempo e de memória,  
rima pão com bigornas e martelos,  
suor com sangue e com revoluções. (...)

(...) O poeta caminhoneiro, o olhar perdido  
pastando os planos do porvir incerto  
plantando chaminés nos versos fumegantes  
apanhando poesia nos instantes que passam  
perdendo-se em distância  
falando de cebolas e tomates  
que têm tanta poética – ou mais (...)  
(DE CARVALHO, 2005, p.54)

O poeta ambienta-se como um fazedor da atividade literária, mas mais que isso: um ser com olhos amplos e expressivos a sua realidade e a dos demais, a fim de apreendê-la e transformá-la no mecanismo poético que é tentativa da transformação social de forma benéfica. Desta forma, ele seria: “capaz de exprimir em palavras organicamente relacionadas, essa visão totalizadora de um mundo e de uma época” (FAUSTINO, 1977, p.44). Ao contrário do que ostenta sua época, em um marco de busca pelo enriquecimento material, determinando cada vez mais o individualismo e o racionalismo, o poeta deseja que a poesia seja, além de um sentimento de uma época ou de um povo, um mecanismo revolucionário:

Toda questão se baseia, a meu ver, no fato, por muitos esquecido, que a poesia tem um papel na sociedade, um terreno privado que se não for bem lavrado prejudicará essa mesma sociedade e que aquele papel deve ser exercido pelo poeta com toda a responsabilidade profissional com que uma tarefa de alcance social deve ser empreendida (FAUSTINO, 1977, p. 47).

A poesia de Farias de Carvalho nos direciona a um universo particular e ao mesmo tempo de todos, com uma força lírica que nos eleva a compreendê-lo como um nítido poeta de olhar atento ao mundo do qual pertence. Ele intercala com o novo mundo em ruínas as memórias da infância como um ato poético e revigorante no espírito do poeta e da sua criação. Este é um ser vagando com olhos sempre abertos a ver estrelas, e Farias de Carvalho não é diferente. Dentro de uma criação literária ora engajada, ora subjetiva, vê o ser humano como

um elemento capaz, que precisa enxergar-se e acima de tudo combater à repressão que aniquila a existência, como fica nítido no poema “Meu canto novo”:

Hoje eu queria escrever um poema diferente  
sem o chiquê das formas elegantes  
e a rotina das velhas tradições;  
um poema duro, pegajoso, como o músculo e o suor  
dos que constroem os séculos e carregam todo peso do mundo sobre  
os ombros;  
plantar nele um jardim de cores tristes  
onde rebentem como camélias pálidas  
as caras magras das crianças sujas  
que andam estendendo as mãos pelas esquinas;  
depois, borrá-lo com o vermelho vivo  
do sangue odiento das hemoptises  
dos que vivem como cães abandonados  
vomitando os pulmões pelas sarjetas; (...)

Quero escrever um poema diferente...  
Para escutá-lo,  
ninguém vai precisar de broadcasting,  
basta jogar o ouvido pelo mundo  
para ouvir meu poema repetido  
no lamento das negras chaminés,  
no roncar dos estômagos vazios  
e senti-lo, mais vivo e mais cortante,  
na voz daquela operária buchuda  
que está enganando o menino de olhos fundos:  
"DORME, FILHINHO, DORME,  
TEU PAPAI VAI TRAZER DOCES"  
Hoje eu queria escrever um poema diferente  
(DE CARVALHO, 1967, p. 83)

Neste poema, conseguimos atentar à sensação poética que Farias de Carvalho tenta buscar na sua criação: o compromisso com a humanidade através da poesia. Tomado pela consternação e pelo enfado até mesmo da própria criação tradicional do poema, o eu lírico escreve “seu novo canto” sem “o clichê das formas elegantes / e as rotinas das velhas tradições”, como uma canção que ecoa as desordens e desigualdades evidentes no mundo moderno “onde rebentem como camélias pálidas / as caras magras das crianças sujas / que andam estendendo as mãos pelas esquinas”. Um canto novo a ecoar aos grandes homens “que constroem os séculos” a necessidade do compromisso coletivo, quando na voz daquela operária buchuda / que está enganando o menino de olhos fundos: "DORME, FILHINHO, DORME, / TEU PAPAI VAI TRAZER DOCES. (...)" Estes últimos versos

suscitam muito bem a realidade social daquela época e do compromisso poético do poeta em anunciar estas mazelas sociais que o progresso desenfreado distribuiu à humanidade.

Diante de toda esta realidade sob a qual o sentimento do poeta floresce, há assim sua condição de ser um visionário ante todos os acontecimentos que transformados em versos, transformam-se também em uma fenda diante um novo olhar para o mundo. Decerto, a poesia se estabelece desta forma como um embate perante as formas de encarceramento da liberdade humana e de tudo o que o tempo e a história construíram para massificar a existência. No poema “Meu outro mundo”, o olhar do poeta se constitui de forma que tais proposições acerca do ideário de vida se fazem como um elo entre este e o mundo a sua volta, evidenciando assim o empenho do poema e do poeta como elementos de luta na construção de um lugar mais afável:

Há entre mim e o mundo que me cerca  
um outro, diferente, mais perfeito,  
cheio das coisas simples, puras, - rosas  
estrelas e crianças saltitantes

Nele não cabem marcos, nem bandeira  
que justifiquem ódios e agressões,  
nem tambores o passo de assassinos;

porque meu mundo é um supermundo, reino  
dos que encontraram a fonte e se banharam  
de amor, de graça e se fizeram puros,

dos que têm o poder, pela renúncia,  
de receber um golpe e devolvê-lo  
sob a forma de um beijo ou de uma flor!

“Meu outro mundo” é um poema a traçar em cada verso a peculiar menção de um mundo, que aterrorizado pelos grandes acontecimentos da crise do século XX, abre o véu para outro mundo em que “Nele não cabem marcos/, nem bandeira / que justifiquem ódios e agressões”, e pelo contrário é um “reino / dos que encontraram a fonte e se banharam / de amor, de graça e se fizeram puros”. Mundo este consumido pelas incertezas geradas em torno da vida e do que esta representa na crise dos grandes feitos modernos. “Meu mundo” é a dimensão da poesia, pois ao invés de se reverter sob o ódio e o rancor, ela é o “de receber um golpe e devolvê-lo / sob a forma de um beijo ou de uma flor!”.

## CONCLUSÃO

A respeito do próprio poema e de sua linguagem na obra, Adorno salienta a importância da transcendência do individual e no mergulho desta condição que propicia uma expressão no universal. Esta proposta corresponde ao duplo caráter da linguagem lírica: o aprofundamento do individual que desemboca ao coletivo. Mas se esta caracterização do lírico se direciona à contraposição da linguagem comunicativa, por outro lado assegura que quanto maior o domínio social sobre o sujeito, mais precária se dá a condição lírica. O social (a modernidade) dá-se, pois, no espaço e no tempo em que se ambienta, como o antilírico. Farias de Carvalho eleva sua obra sob um aspecto semelhante: O fazer poético sob o começo do individual, partindo das conotações existenciais, que proporcionam uma compreensão acerca da realidade social do qual o ser está envolvido.

O poeta motiva-se ao combate da nova realidade do mundo em contraposição com os artifícios da infância como uma realidade poética que precisa ser redescoberta, e faz um aparato da importância de não perder o alicerce humano, a sensibilidade perante uma era de consumo fria e feroz. Nisto está condicionado todo o universo, seja ele o próprio individual no processo de criação, ou os objetos externos a ela, como a própria sociedade e aspirações de uma época, formando, assim a expressão poética do estado lírico que falamos. O lírico é um estado que ignora qualquer gesto que retire as sensações simples e generosas, é uma íntima relação com o espaço social, e o poeta usa desta dimensão como uma finalidade crucial no desenvolvimento do ser humano em uma época que se dilui tal sensação de pureza, com a proposta de revivê-la. A poesia era o caminho para fazê-la.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Palestra Sobre lírica e sociedade*. In: ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge M B de Almeida. Ed. 34. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2006.

DE CARVALHO, Farias. *Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar*. Manaus: Editora Sergio Cardoso, 1967.

\_\_\_\_\_. *Pássaro de Cinza*. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2005.

DE SOUZA, Thana Mara. *Literatura Engajada de Pascal a Sartre*. Apud: DE SOUZA, T. M. *Sartre e a Literatura Engajada: Espelho Crítico e Consciência Infeliz*. In: *Ensaio de Cultura* 36. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2008.

FAUSTINO, Mario. *Poesia Experiência*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A Crise do Século XX*. 2ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1991.